

CONSELHOS DA DIÁSPORA

TIRSO OLAZÁBAL “PARTNER” DA MDME LAWYERS, RESPONSÁVEL PELAS ÁREAS DE “FINANCE E REAL ESTATE” E PELO ESCRITÓRIO DE HONG KONG; CONSELHEIRO DA DIÁSPORA PORTUGUESA NA CHINA

É importante apostar mais em inovação e especialização

Portugueses que se destacam lá fora ajudam a descobrir onde estão oportunidades de negócios e que tipo de empresas e atividades o país pode atrair. Uma iniciativa que junta o Negócios e o Conselho da Diáspora Portuguesa.

1.

O QUE O/A LEVOU A SAIR DE PORTUGAL?

Saí de Portugal por razões profissionais e pela vontade de ter uma experiência verdadeiramente internacional. Procurava exposição a mercados diferentes, operações transfronteiriças e novas formas de fazer negócios. A oportunidade de trabalhar na Ásia, primeiro com forte ligação a Macau e posteriormente a partir de Hong Kong, representou um desafio difícil de recusar.

Nunca encarei a saída como um afastamento de Portugal, mas como uma forma de alargar horizontes e adquirir competências que dificilmente desenvolveria permanecendo sempre no mesmo contexto. A Ásia obrigou-me a compreender outras culturas empresariais, ritmos de decisão e enquadramentos jurídicos e financeiros.

Com o tempo, percebi que viver fora nos torna mais conscientes da nossa identidade portuguesa. Mantemos uma ligação permanente ao país e identificamos oportunidades para aproximar Portugal dos mercados onde estamos inseridos. É precisamente essa ponte que procuro construir na minha atividade profissional.

2.

QUE VANTAGENS OU DESVANTAGENS LHE TROUXE O FAÇO DE SER PORTUGUÊS/A?

Ser português foi, globalmente, uma vantagem. Portugal é associado a uma cultura

aberta, cordial e adaptável. Os portugueses têm uma tradição histórica de contacto com outras geografias e uma capacidade particular para compreender diferentes sensibilidades culturais. Na Ásia, onde a confiança e as relações pessoais são essenciais, essa característica é especialmente valorizada.

A ligação histórica a Macau constitui igualmente um elemento diferenciador. Macau mantém um sistema jurídico de matriz portuguesa e continua a desempenhar um papel de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa. Para quem trabalha em operações envolvendo Macau, Hong Kong, China e Portugal, este património jurídico e cultural representa uma vantagem concreta.

A principal desvantagem é o conhecimento limitado que muitas pessoas têm sobre Portugal contemporâneo. O país continua frequentemente associado ao turismo, ao futebol ou ao vinho, mas menos às suas capacidades em áreas como tecnologia, energias renováveis, saúde, engenharia ou serviços financeiros. Cabe-nos contribuir para uma imagem mais completa e moderna de Portugal.

3.

QUE OBSTÁCULOS TEVE DE SUPERAR E COMO O FEZ?

O principal desafio foi aprender a trabalhar num ambiente culturalmente muito diferente. Na Ásia, a comunicação depende muitas vezes do contexto e da construção gradual de confiança. Foi necessário desenvolver a capacidade de observar, ouvir e compreender antes de tirar conclusões.

Outro desafio foi construir uma prática profissional em várias jurisdições, conciliando diferentes sistemas jurídicos, culturas empresariais e expectativas dos clientes. O trabalho em operações que ligam Hong Kong, Macau, China e Portugal exige atualização constante e coordenação entre equipas multidisciplinares.

Superei esses obstáculos através da persistência, preparação e construção gradual de relações de confiança. Na Ásia, a reputação constrói-se pela consistência, pelo cumprimento da palavra e pela capacidade de responder em momentos difíceis. Aprendi também que é importante adaptar métodos de trabalho sem abdicar dos valores fundamentais.

4.

O QUE MAIS ADMIRA NO PAÍS EM QUE ESTÁ?

O que mais admiro em Hong Kong é a capacidade de execução. Existe uma cultura de pragmatismo, rapidez e orientação para resultados. As decisões tendem a ser tomadas com agilidade e existe uma forte predisposição para transformar ideias em iniciativas concretas.

Admiro a combinação de liberdade económica, sofisticação financeira e proximidade à China continental. Hong Kong continua a desempenhar um papel relevante como centro internacional de comércio, investimento e serviços financeiros, bem como porta de entrada para a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

É uma sociedade exigente e competitiva, mas onde continua a existir a convicção de que a qualificação, o esforço e

a iniciativa individual podem criar oportunidades reais.

5.

O QUE MAIS ADMIRA NA EMPRESA/ORGANIZAÇÃO EM QUE ESTÁ?

Na MdME, o que mais admiro é a capacidade de combinar conhecimento local com uma perspetiva internacional. O escritório desenvolveu uma posição diferenciada na ligação entre Macau, Hong Kong, China continental e mercados lusófonos, incluindo Portugal.

Enquanto sócio responsável pelas áreas de “Finance” e “Real Estate” e pelo escritório de Hong Kong, trabalho com uma equipa multicultural em operações de investimento imobiliário, financiamento, project finance e mercado de capitais. Essa diversidade permite compreender melhor os objetivos e desafios dos clientes.

Admiro também o espírito empreendedor da organização. A dimensão da firma permite proximidade com os clientes e participação direta dos sócios, sem comprometer a qualidade técnica necessária para operações complexas. Procuramos não apenas prestar assessoria jurídica, mas contribuir para soluções concretas e executáveis.

6.

QUE RECOMENDAÇÕES DARIA A PORTUGAL E AOS SEUS EMPRESÁRIOS E GESTORES?

QUESTIONÁRIO ELABORADO E REVISTO POR PAULO MORGADO

Membro da direção
da Diáspora Portuguesa



D.R.



Tiago Olazábal diz que ser português é globalmente uma vantagem.

Portugal deve ser mais ambicioso na forma como se apresenta internacionalmente. Temos talento, empresas e conhecimento com qualidade global, mas nem sempre comunicamos essa capacidade de forma eficaz. É importante apostar mais em inovação, especialização, marca e valor acrescentado.

Aos empresários portugueses recomendaria uma visão de longo prazo. A entrada na Ásia exige presença regular, parceiros locais, adaptação ao mercado e investimento contínuo na construção de relações. A confiança precede frequentemente os resultados comerciais.

Portugal deve reduzir a burocracia e dar maior previsibilidade ao investimento. Quem compete pela captação de capital internacional precisa de oferecer rapidez de decisão e estabilidade.

Por último, devemos aproveitar melhor a diáspora portuguesa. Os portugue-

ses residentes no estrangeiro conhecem os mercados, os decisores e os desafios locais. Essa rede deve ser integrada de forma mais sistemática na estratégia económica externa do país.

7.

EM QUE SETORES DO PAÍS ONDE VIVE PODERÃO AS EMPRESAS PORTUGUESAS ENCONTRAR CLIENTES?

Hong Kong é um mercado sofisticado, com elevado poder de compra e consumidores exigentes. Existem oportunidades para empresas portuguesas nos setores alimentar e “gourmet”, incluindo vinhos, azeite, peixe, conservas, carne e produtos “premium”. A diferenciação deve assentar na qualidade,

CV

Líder da câmara de comércio

Tirso Olazábal é “partner” da MdME Lawyers, responsável pelas áreas de “Finance” e “Real Estate2” e pelo escritório de Hong Kong. Assessora instituições financeiras, empresas, investidores e promotores em operações de financiamento, mercado de capitais e investimento imobiliário envolvendo Hong Kong, Macau, China e Portugal. É presidente da Câmara de Comércio e Indústria Hong Kong-Portugal e conselheiro do Conselho da Diáspora Portuguesa. Trabalha regularmente em português, inglês, espanhol e francês.

autenticidade, sustentabilidade e identidade da marca.

Vejo igualmente potencial em áreas como moda, calçado, têxteis técnicos, joalharia, cosmética, mobiliário, iluminação, cortiça e materiais de construção.

Nos serviços, destacaria tecnologia financeira, cibersegurança, inteligência artificial, software, engenharia, arquitetura, energias limpas, saúde e soluções para cidades inteligentes. Hong Kong deve servir como uma plataforma para outros mercados asiáticos. Para ter sucesso, é essencial selecionar bem os parceiros e adaptar a oferta às características locais.

8.

EM QUE SETORES DE PORTUGAL PODERIAM AS EMPRESAS DO PAÍS ONDE ESTÁ QUERER INVESTIR?

Portugal pode atrair investidores de Hong Kong em setores que combinem conhecimento técnico, ativos de qualidade e acesso ao mercado europeu. O imobiliário continuará relevante, sobretudo em segmentos como habitação, residências para estudantes, logística, hotelaria, parques empresariais, centros de dados e ativos ligados à saúde.

Existe também potencial nas energias renováveis, armazenamento de energia, mobilidade elétrica, biotecnologia, inteligência artificial, tecnologias da saúde, “agri-

tech” e economia azul. Portugal dispõe de talento, universidades e centros de investigação capazes de sustentar parcerias com investidores asiáticos.

Para concretizar esse potencial, é essencial apresentar projetos bem estruturados, parceiros credíveis e processos de decisão previsíveis.

9.

QUAL A VANTAGEM COMPETITIVA DO PAÍS EM QUE ESTÁ QUE PODERIA SER REPLICADA EM PORTUGAL?

A principal vantagem que Portugal poderia procurar replicar é a cultura de execução. Em Hong Kong existe uma preocupação constante em reduzir o tempo entre a identificação de uma oportunidade e a sua concretização. Isso resulta de processos eficientes, regras claras e responsabilização dos decisores.

Portugal beneficiaria de processos mais eficientes, maior coordenação entre entidades públicas e maior previsibilidade na tomada de decisões. Os investidores aceitam regras exigentes – o que dificulta o investimento é a incerteza e a demora das decisões.

Outra lição importante é a vocação de plataforma. Hong Kong desenvolveu vantagens competitivas não apenas para servir o seu mercado interno, mas para ligar capital, conhecimento e serviços entre várias geografias. Portugal pode assumir um papel semelhante entre a Europa, o Atlântico e o mundo lusófono.

10.

PENSA VOLTAR PARA PORTUGAL? PORQUÊ?

Portugal continua a ser a minha casa e mantenho uma ligação pessoal e profissional muito próxima ao país. Não vejo a minha trajetória como uma escolha entre Portugal e a Ásia, mas como a construção de uma ponte entre diferentes geografias.

A internacionalização não deve ser entendida como uma perda para Portugal. Quando a diáspora permanece envolvida, partilha conhecimento, cria relações e promove investimento, transforma-se num ativo estratégico para o país. ■